

## A INTERTEXTUALIDADE EM ARTIGOS CIENTÍFICOS

Camila Maria de Araújo (UFPE)  
[araujomariacamila@hotmail.com](mailto:araujomariacamila@hotmail.com)

### **Resumo:**

O conceito geral de intertextualidade diz respeito à relação que há entre os textos, os quais estabelecem entre si uma espécie de diálogo sendo de forma intencional ou não. Portanto, este trabalho foi desenvolvido para fins de investigação, à luz das perspectivas teóricas da Linguística Textual (LT), de como se dá o fenômeno da intertextualidade em artigos científicos. Para isto, selecionamos um *corpus* composto por 04 artigos recentes, nos quais buscamos mostrar as diversas manifestações de intertextualidade a fim de compreender a maneira como ela é usada para cumprir a função social do gênero artigo científico. Os resultados mostram como os autores manipulam os textos de outros autores para cumprir seus objetivos com o gênero.

**Palavras-chave:** Intertextualidade; Linguística Textual; Artigo científico.

### **Introdução**

O meio acadêmico se movimenta e evolui através das pesquisas científicas realizadas pelos atores que o integram – professores e alunos. Estas pesquisas são divulgadas, na maioria das vezes, através de artigos científicos, que circulam em revistas acadêmicas e anais de eventos tanto em formato digital quanto impresso. Por se tratar de um gênero científico, a veracidade das concepções teóricas constitui um dos aspectos que caracterizam os artigos científicos. Para fundamentar e fortalecer seus argumentos, autores de artigos se utilizam de concepções e pressupostos teóricos desenvolvidos por outros autores (renomados na área temática definida). Durante todo o texto do artigo há um diálogo constante com outros discursos, inclusive na parte das análises e discussões, onde o autor dá o seu posicionamento com base no material analisado. Sendo assim, fica clara a inevitável presença do discurso do outro no texto do artigo científico.

Em vista disso, fundamentados nos pressupostos teóricos da Linguística Textual, especificamente de Koch, Bentes e Magalhães (2008), buscamos investigar a relação que se dá entre o fenômeno da intertextualidade e o artigo científico, bem como mostrar como atuam as diversas manifestações de intertextualidade e como elas colaboram para o cumprimento da função social do gênero.

Em sentido amplo, a intertextualidade atualmente é tida, para muitos linguistas, como a condição de existência do próprio discurso, seu elemento mesclado na heterogeneidade dos enunciados. Em sentido restrito, Koch e Elias (2009) definem a intertextualidade como a remissão que todo texto faz a outro(s) efetivamente já produzido(s) e que faz(em) parte da memória social dos leitores.

Na esfera da intertextualidade *stricto sensu*, Koch, Bentes e Magalhães (2008) apontam quatro tipos principais de intertextualidade: a temática, a estilística, a explícita e a implícita. Na intertextualidade *lato sensu*, as autoras ainda mencionam as intertextualidades intergenérica e tipológica. Para efeito das análises feitas nesse trabalho, focaremos nas manifestações de intertextualidade *stricto sensu*.

Para tanto, selecionamos um corpus constituído por 04 (quatro) artigos escritos por alunos de graduação e publicados em anais de evento acadêmico de Linguística ocorrido no ano de 2012, o IV Simpósio de Hipertexto. .

## **1. Aspectos gerais do gênero artigo científico**

### ***1. 1. Breve panorama histórico***

O artigo científico é o mais constante meio de divulgação de pesquisas científicas, sendo a esfera acadêmica a grande propiciadora da produção desses trabalhos. Entretanto, não foi nas Universidades que tais pesquisas se iniciaram. Mesmo antes do surgimento das Instituições Universitárias já havia sociedades científicas formais que se utilizavam de métodos sistemáticos para o desenvolvimento de soluções para determinados problemas. A divulgação dessas descobertas entre os pesquisadores dava-se através das cartas que, conforme Bazerman (2005), forneciam um espaço livre que poderia ser regularizado de inúmeras formas, isto é, o autor tinha total liberdade quanto à estrutura do seu texto, uma vez que a carta foi criada apenas para mediar a distância entre pessoas. A carta, então, foi o gênero que deu origem ao artigo científico que, pela recorrência do uso e pelo reconhecimento da função social por meio de seus usuários, configurou-se como um gênero socialmente instituído desde 1665, com o lançamento do primeiro periódico de que se tem conhecimento: o *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, publicado através da correspondência de Henry Oldenburg, primeiro editor do periódico.

O esquema estrutural do artigo científico, então, passou por um longo processo de mudanças desde os primeiros usos do gênero. Entretanto, foi recentemente, a partir do final do século XX, com os novos estudos de gêneros textuais, que esses esquemas de estrutura passaram a ser registrados. Em 1990, Swales, em *Genre analysis: English in academic and research settings*, propôs um modelo de artigo composto por *Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão* – IDMRD, não negando, contudo, a possibilidade de ocorrer variação no esquema (apud CORTES, 2009). Logo mais, em 2004, com o lançamento de *Research Genres: Explorations and Applications*, Swales (apud CORTES, 2009) diferencia os artigos classificando-os em *experimental, teórico e de revisão*. Motta-Roth e Hendges (2010) falam de *artigo de revisão teórica, artigo empírico e artigo experimental*, sempre ressaltando que “cada área e cada problema de pesquisa determinam o modo como a pesquisa será desenvolvida e, como consequência, a configuração final do artigo que relatará a pesquisa” (p. 66). Considerando a abrangência dos temas relacionada às mais diversas áreas do conhecimento e objetivos dos pesquisadores, as autoras traçam não um modelo ideal de artigo, mas discorrem sobre 04 (quatro) seções bastante comuns na estrutura dos artigos científicos: *Introdução, Revisão da literatura, Metodologia e Análise e discussão dos resultados* (MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010).

Atualmente, mesmo após várias modificações e reconfigurações em sua estrutura, o artigo científico mantém seu propósito comunicativo original de divulgar pesquisas, servindo de ponte para a comunicação entre pesquisadores, tanto professores como alunos de graduação e pós-graduação.

## **1. 2. Aspectos discursivos**

Do ponto de vista sócio-interacional assumido pela LT, os gêneros textuais trazem sobre si uma forte carga de heterogeneidade, fruto das diferentes vozes que incorporam em seu conteúdo. Em se tratando dos gêneros acadêmicos, isto é, do discurso científico, os discursos de outras vozes – de autoridades reconhecidas na área temática – injetados nos textos funcionam como uma estratégia de validação argumentativa. Não seria diferente, é claro, com o artigo científico. No caso desse gênero, “o uso em profusão de notas, citações e referências bibliográficas constituem uma estratégia a favor da credibilidade e do conceito de cientificidade” (CORACINI, 2003, p. 133). Conforme afirma Alvernaz, “essa prática reforça as marcas do artigo

científico que exige alto grau de cientificismo e validação por parte de especialistas” (2007, p. 08). No entanto, isto não significa um apagamento do sujeito. Através da subjetividade, como propõe Benveniste (1991), o autor tem a capacidade de se propor como sujeito. Essa subjetividade, no entanto, não se define em construir um texto “à vontade”, livre de qualquer regra, mas sim da particularidade do autor em selecionar o tema, organizar os argumentos, escolher as citações para fundamentar suas ideias, delimitar o *corpus* para análise, entre outras coisas. Sendo assim, o texto do artigo científico configura-se puramente intertextual, polifônico, dialógico, ou detentor de qualquer outro adjetivo que evoque a pluralidade de vozes e argumentos.

## **2. Intertextualidade: origens do termo e sua interdisciplinaridade**

Considerando o caráter social da linguagem verbal, a comunicação através de textos e a capacidade inata humana de interpretar discursos e desenvolver outros a partir desses recebidos conforme a necessidade de interação, podemos pensar em como os textos dialogam entre si, como ideias se originam de outras, como textos são tão semelhantes a outros em inúmeros aspectos. Desde os tempos antigos, Aristóteles já afirmava que nenhum texto é inteiramente novo. Essa concepção foi bastante marcada também em Bakhtin (1929) através do conceito de dialogismo, o qual consiste em dizer que nenhum texto existe ou pode ser avaliado e/ou compreendido separado dos demais, pois está sempre dialogando com outros textos. Foi, então, que, fundamentada nos postulados do dialogismo bakhtiniano, a crítica literária Júlia Kristeva cunhou o termo intertextualidade no final da década de 1960, afirmando que todo texto é um intertexto. Kristeva utilizou a expressão de que todo texto é um “mosaico de citações”, para fins de oposição a qualquer índice de originalidade total em um texto (BAZERMAN, 2007). A Linguística Textual, por sua vez, em concordância com essa concepção bakhtiniana de dialogismo, defende que

todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior e dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que ele alude ou aos quais se opõe (KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008, p. 09).

A Linguística Antropológica se propõe a apresentar a relação que se dá entre gênero, intertextualidade e poder social, assumindo uma perspectiva de que “as ligações que podem ser estabelecidas entre um texto e outro(s) texto(s) ocorrem não apenas em

enunciados isolados, mas em modelos gerais e/ou abstratos de produção e recepção de textos/discursos” (BAUMAN e BRIGGS, 1995 citados por KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008, p. 09). Em *Análise do Discurso*, Authiez-Revuz fala de heterogeneidade discursiva, onde defende que “o texto é uma unidade aparentemente fechada, que reflete e refrata o discurso do outro, de maneira mais ou menos nítida, a depender da natureza do discurso” (ARAÚJO e LOBO-SOUSA, 2009, p. 568). Em sentido abrangente, considerando a interdisciplinaridade que envolve o termo, intertextualidade é a relação que um texto estabelece com outro(s) texto(s).

### 3. Concepções de intertextualidade em Linguística Textual

Desde o surgimento da Linguística Textual o conceito de texto tem sido lapidado sob os postulados teóricos de cada corrente linguística que até hoje se manifestou. Atualmente o conceito de texto adotado pela LT é fortemente marcado pela concepção interacionista. Cavalcante afirma que

o texto, então, é tomado como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção dos sentidos e das referências dos textos. (CAVALCANTE, 2013, p. 19).

Essa concepção de texto está em intimidade com o conceito de intertextualidade, levando em conta que, tanto a produção quanto a recepção de textos, depende de conhecimentos prévios provenientes tanto de questões culturais quanto de outros textos. A LT, tendo incorporado os postulados de dialogismo de Bakhtin – onde um texto está sempre relacionado com outros textos –, aponta para o fenômeno intertextual em sentido amplo (*lato sensu*), constitutivo de todo e qualquer discurso. Entretanto, na prática, a intertextualidade é analisada em sentido restrito (*stricto sensu*), em que é necessária a presença efetiva de outros textos, ou seja, “em se tratando de intertextualidade *stricto sensu*, é necessário que o texto remeta a outros textos ou fragmentos de textos efetivamente produzidos, com os quais estabelece algum tipo de relação” (KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008, p. 17).

Ainda em Koch, Bentes e Magalhães (2008) vemos que no círculo da intertextualidade *stricto sensu* quatro tipos principais de intertextualidade foram

destacadas, entre elas, intertextualidade temática, estilística, explícita e implícita. As autoras também chamam atenção para

o caráter “militante” da intertextualidade: seja por meio da manipulação de determinados intertextos, seja por meio da manipulação de modelos gerais de produção e recepção dos discursos, a construção de relações entre textos pode provocar uma adesão ao discurso proferido em função, por exemplo, do tipo de formatação produzida: o uso de estruturas narrativas clássicas, como a dos contos de fada, para se falar de assuntos contemporâneos, é um dos exemplos que podemos apresentar sobre o tipo de construção de autoridade textual proporcionada pela manipulação de um determinado tipo de intertextualidade. (KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008, p. 146).

Para fins desse trabalho, não iremos utilizar todas essas categorias de intertextualidade na análise do corpus, apenas as que forem, sob o nosso viés, pertinentes para o cumprimento do propósito comunicativo do artigo científico: as quatro destacadas em *stricto sensu*.

#### **4. A intertextualidade em artigos científicos: uma análise dos textos**

Nessa seção buscaremos apresentar teoricamente as categorias de intertextualidade *stricto sensu* e, ao mesmo tempo, mostrar como elas acontecem nos textos. Koch, Bentes e Magalhães (2008) postulam que **intertextualidade temática** é a que encontramos entre textos que pertencem à mesma área do saber, que têm temas em comum e se servem de conceitos e terminologia próprios, já definidos e identificados pelos atores que interagem nessa área. Isso não seria um caso apenas de uso do mesmo gênero, por exemplo, pois comunidades distintas se utilizam do mesmo gênero – o que, não ignoramos, constitui uma intertextualidade de gênero textual – e ainda assim não intertextualizam seus temas. Os artigos para análise neste trabalho foram coletados nos anais do IV Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação, evento da área de Linguística realizado no ano de 2012 na Universidade Federal de Pernambuco, em Recife-PE. A escolha foi proposital devido ao fato de os artigos desses anais partilharem do mesmo tema geral: Linguagem e Tecnologia. O intuito foi abrir margem para uma maior facilidade na identificação dos tipos de intertextualidade. Como foi dito, os 04 artigos pertencem à mesma área de conhecimento, constituindo, assim, a intertextualidade temática. Os títulos dos artigos já exemplificam a comunhão entre os temas dos textos, como se pode ver abaixo:

1. *Características de um hipergênero: o ambiente virtual de aprendizagem moodle como espaço formativo de múltiplas linguagens*
2. *Docência em EaD: do planejamento à reflexão*
3. *Emoticons em mensagens instantâneas: um estudo baseado em corpus*
4. *Hipertexto: a constituição identitária no discurso sobre tecnologia e educação*

O artigo 01 objetiva “apresentar o ambiente virtual de aprendizagem (AVA) Moodle, como espaço formativo de múltiplas linguagens”, o artigo 02 “descreve a experiência de tutoria realizada na disciplina Gêneros Textuais e Ensino, ministrada semipresencialmente pela equipe de tutores em Educação a Distância (EaD), utilizando-se do Solar, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA)”, o artigo 03 “analisa os emoticons usados em Mensagens Instantâneas (MI) digitais entre adolescentes e jovens adultos do Rio de Janeiro” e o artigo 04 traz uma discussão sobre “o efeito discursivo sobre a inserção da tecnologia na educação e problematizar a possível transição identitária do sujeito professor”. Podemos perceber que, apesar de os objetivos serem diferentes, o ambiente virtual e as novas tecnologias são espaço para a coleta de dados na maioria dos artigos, bem como aspectos da linguagem relacionados a esses temas.

A **intertextualidade estilística** se dá quando o produtor do texto imita, repete ou parodia estilos recorrentes ou variedades linguísticas (KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008). No caso do *corpus* deste trabalho, a intertextualidade estilística se manifesta nos limites do gênero. Os esquemas utilizados para expor as pesquisas foram organizados da seguinte maneira:

Artigos	Art. 01	Art. 02	Art. 03	Art. 04
Tópicos/ Seções	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Resumo/Abstract</li> <li>-Introdução</li> <li>-Hipertexto</li> <li>-Gêneros textuais</li> <li>-Gêneros digitais</li> <li>-O ambiente Moodle</li> <li>-Resultados e discussão</li> <li>-Conclusão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Resumo/Abstract</li> <li>-Introdução</li> <li>-Da escolha ao planejamento</li> <li>-Da situação presencial on-line</li> <li>-Considerações finais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Resumo/Abstract</li> <li>-Introdução</li> <li>-Dos emoticons</li> <li>-Participantes e corpus</li> <li>-Materiais e métodos</li> <li>-Emoticons escolhidos</li> <li>-Classificação dos emoticons</li> <li>-Análise (com subtópicos)</li> <li>-Conclusão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Resumo/Abstract</li> <li>-Introdução</li> <li>-Discurso sobre a inserção da tecnologia na educação: resistência ou aceitação?</li> <li>-Análises</li> <li>-Considerações finais</li> </ul>

Aqui podemos perceber, no geral, uma sequência de Introdução – Discussão das temáticas e Metodologia – Considerações finais/Conclusão, constituindo, nesse aspecto, uma intertextualidade de estilo.

Motta-Roth e Hendges (2010) apontam razões para se escrever um artigo científico. As autoras comentam que seu objetivo básico é reportar um estudo e enfatizam a existência de modos particulares de uso da linguagem e de padrões para propor argumentos, entre outros aspectos. Koch afirma que nesse gênero “é muito comum a explicitação da fonte de textos citados, visto ser este um expediente de que se vale o escritor para, recorrendo a argumentos de autoridade, dar credibilidade ao que o enuncia” (2009, p. 111). A autora ainda comenta que essa é uma importante estratégia utilizada pelo produtor do texto para o percurso do seu trabalho de produção escrita, pois dessa forma ele pode obter o que pretende no plano da interação. As citações, bem como outros fenômenos, são um caso de **intertextualidade explícita**.

Conforme vemos em Koch, Bentes e Magalhães, “a intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um outro texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador” (2008, p. 28). Como foi dito, é bastante característico em artigos científicos as citações, remissões, referências. As citações em artigos têm geralmente a função de atestar veracidade sobre o que está sendo dito pelo autor. Entretanto, Hoffnagel (2009, p. 74), citando Bazerman (1988) e Hyland (2000) acrescenta que “a citação é vista como prática intertextual que coloca em discussão a experiência científica acumulada, sinalizando a existência de um relacionamento entre os escritores, seus textos e seus leitores”. Ainda segundo Hoffnagel (2009:72), “a citação serve, entre outras coisas, para desvendar a identidade do escritor/autor e seu grau de pertencimento a uma comunidade discursiva específica”.

No artigo 01, em seção sobre Hipertexto, o autor, em primeiro lugar, dá o seu posicionamento sobre como o hipertexto é compreendido:

**Ex. 01:**

*Atualmente, em função do desenvolvimento tecnológico, o hipertexto é compreendido como um texto em formato digital que apresenta várias características como a não linearidade, a intertextualidade, multidimensionalidade, interatividade (...).*

Logo em seguida, utiliza-se da voz de vários autores sobre o tema:

**Ex. 02:**

*A primeira ideia de hipertexto aparece em 1945, quando **Vannevar Bush** publica um artigo, "As We May Think" (...). Idealizava: as informações e os conhecimentos da humanidade todos*



*interligados -- não só as versões finais, mas as versões penúltimas, antepenúltimas, os rascunhos, os esboços, as anotações escritas(...).*

**Ex. 03:**

*O termo hipertexto, porém, só ganhou significação em 1965 com **Theodore Nelson**, pioneiro da tecnologia da informação, para quem o hipertexto é: "escritura não seqüencial, a um texto que bifurca, que permite ao leitor escolher e que se lê melhor em uma tela interativa."*

**Ex. 04:**

*Para **Pierre Lévy** (1993), o hipertexto: é uma rede composta de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens ou partes de imagens, seqüências sonoras, referência a documentos complexos que podem ser eles mesmos hipertextos(...).*

**Ex. 05:**

*Do ponto de vista dos estudos linguísticos, **Marcuschi** (apud KOMESU, 2005, p. 97) assim define o hipertexto: O hipertexto não é um gênero textual nem um simples suporte de gêneros diversos, mas como um tipo de escritura. É uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações e decisões cognitivas baseadas em (séries de) referenciações não contínuas e não progressivas.*

Após tais referências, que tanto comprovam a familiaridade do autor com a temática da pesquisa quanto trazem segurança para seus argumentos, o autor finaliza com suas próprias palavras:

**Ex. 06:**

*Atualmente, em função do desenvolvimento tecnológico, o hipertexto é compreendido como um texto em formato digital que apresenta várias características como a não linearidade, a intertextualidade, multidimensionalidade, interatividade, oferecendo ao leitor a possibilidade de adentrar em outros textos que, de certa forma, estão ocultos, em outras janelas, permitindo a escolha da leitura e o ir e vir do leitor navegador, o qual não precisa seguir uma hierarquia de leitura, de linha a linha, parágrafo por parágrafo e concluir a leitura de uma página para passar para outra, como se apresenta, tradicionalmente, no livro impresso.*

No artigo 02, pudemos observar menções de outros autores fora do enunciado, mas presentes entre parênteses, cujo objetivo, supomos, foi somente mostrar que todos esses autores comungavam da mesma posição:

**Ex. 07**

*(...) tal ampliação implica uma maior eficácia em termos de sucesso no uso das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem (PAIVA, 2008; SILVA, 2008; SILVA, 2010; ARAÚJO; DIEB; LIMA, 2010).*

Ainda no artigo 02, o autor mostra em que outro autor está baseando a sua pesquisa, mostrando, em seguida, a concepção desse autor:

**Ex. 08**

*Vale ressaltar que esta proposta descritiva encontra alicerce na concepção de saberes docentes de Tardif (2002), o qual defende uma epistemologia da prática profissional dos professores (...).*

No artigo 04, podemos perceber que o autor emprega um argumento por autoridade, o que será uma base para o que vem afirmar em seguida:

**Ex. 09:**

*Nesse sentido, assegura Pimenta (2008, p. 18) que “a identidade não é um dado imutável, em externo que possa ser adquirido, é um processo de construção do sujeito historicamente situado”.*

*A identidade é, portanto, construída a partir de um procedimento de (des)estabilização, passível de transitoriedades e mudanças que ocorrem ao longo do percurso histórico, afetando, conseqüentemente, os sujeitos.*

Em Koch, Bentes e Magalhães (2008), a paráfrase é um tipo de intertextualidade implícita. No artigo científico, no entanto, os autores parafraseiam enunciados informando a fonte desses enunciados. É o que é chamado de citação indireta, onde o enunciado não é reproduzido com exatidão, não está entre aspas, mas exposto pelas próprias palavras do autor do artigo. Como afirma Hoffnagel (2009, p. 177), citando Bazerman (2006), “a citação indireta, embora geralmente identifique a fonte, o autor procura reproduzir o sentido original nas suas próprias palavras”.

**Ex. 10:**

*Segundo Sardinha (2000: 6), mapear os dados, quantificá-los, ver o número de palavras, e no caso desta dissertação, o número de emoticons, contrastado com o número de palavras, é característica marcante de qualquer trabalho feito com ferramentas digitais e corpora digitais ou digitalizados.*

Como **intertextualidade implícita**, podemos entender a introdução de intertextos nos textos sem, contudo, se fazer qualquer menção explícita da fonte (KOCH, BENTES e MAGALHÃES, 2008). No caso do artigo científico, as informações apresentadas sobre determinada teoria, ainda que não seja mostrada a fonte do intetexto, são fruto das leituras do autor, isto é, não é algo que ele inventa. Essa intertextualidade, no entanto, apenas é construída se o leitor tiver conhecimento de que aquele enunciado já foi formulado por outro autor, salvo isto, para o leitor, o enunciado

será do autor do artigo, uma vez que não há referência a outro autor. É o que se pode ver no exemplo do artigo 01:

**Ex. 11:**

*Antes mesmo da revolução digital, percebia-se a presença de hipertextos nos textos impressos, nas citações, nas notas de rodapé, nos glossários de final de livro, que levam o leitor a outra página, criando o seu próprio caminho.*

O enunciado a seguir pode ser atribuído à concepção de *educação bancária*, de Paulo Freire, em que o autor afirma que o professor deposita conhecimento no intelecto do aluno e este, por sua vez, apenas recebe. Observe o exemplo abaixo:

**Ex. 12:**

*aquele ser (o professor) detentor do saber não existe mais, uma vez que não há limites ao conhecimento, que é construído diariamente.*

A intertextualidade, como vimos acima, permeia o artigo científico com o objetivo de comprovar e/ou trazer base para validar as informações. O discurso de outrem nos artigos é de fundamental importância, bem como outras manifestações da intertextualidade.

### **Considerações finais**

No escopo da Linguística Textual, a temática da intertextualidade se revela como um dos principais temas que levam ao entendimento dos princípios constitutivos do texto. Para Bazerman (2006:103), a intertextualidade não é vista somente como uma questão dos outros textos a que um escritor se refere, mas também como esse escritor usa esses textos, para quê os usa e como se posiciona enquanto escritor diante deles para elaborar seus próprios argumentos. No caso do artigo científico, os textos analisados neste trabalho revelaram a pura essência intertextual do gênero. A principal marca de intertextualidade em artigos é a citação. Os resultados da análise mostram que os textos são repletos delas, dada a necessidade de comprovação dos argumentos. Também através deste trabalho pudemos entender a importância de um estudo sobre a forma que os autores manipulam os textos e as informações para cumprir objetivos, caso queiramos compreender melhor a escrita em determinada comunidade linguística.

Há ainda muitos caminhos a percorrer nos estudos de intertextualidade, pois esta se mostra um caminho infindo de possibilidades para pesquisas. É, sem dúvidas, um fenômeno inevitável nas práticas de escrita.

### Referências:

ALVERNAZ, Sabrina. **Práticas de letramento no contexto acadêmico**. IV Congresso de Letras da UERJ - São Gonçalo. São Gonçalo-RJ, 2007. Disposto em: <http://www.filologia.org.br/cluerj-sg/anais/iv/completos/mesas/M9/Sabrina%20Alvernaz.pdf> Acesso em: 12 jul. 2014.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. Ed. HUCITEC, 2006 [1. Ed.: 1929].

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais: tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. **Escrita, gênero e interação social**. São Paulo: Cortez, 2007.

\_\_\_\_\_. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 3. ed. São Paulo: Pontes, 1991a. [1. ed.: 1946].

CAVALCANTE, Mônica, M. **Os sentidos do texto**. SP: Contexto, 2013.

CORACINI, Maria José R. F. **O fenômeno da intertextualidade e o discurso científico**. Fragmentos, Florianópolis, v. 25, p. 19-39, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/7674/7008>. Aceso em 12 jul. 2014.

CORTES, Gerenice Ribeiro de Oliveira. **Práticas socioretóricas do gênero artigo científico de história e sociologia: variação, identidade e ethos disciplinar**. Tese de Doutorado. UFPE, 2009.

HOFFNAGEL, Judith. A prática de citação em trabalhos acadêmicos. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. 10 (1), 2009. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fseer.bce.unb.br%2Findex.php%2Fles%2Farticle%2Fview%2F1211&ei=KSO\\_U77bNpbJsQT\\_4oKwCw&usg=AFQjCNG2gIcOo8wi5Zim\\_f5isQB7GCFacA](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fseer.bce.unb.br%2Findex.php%2Fles%2Farticle%2Fview%2F1211&ei=KSO_U77bNpbJsQT_4oKwCw&usg=AFQjCNG2gIcOo8wi5Zim_f5isQB7GCFacA) Acesso em: 10 jul. 2014.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever: Estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

\_\_\_\_\_; BENTES, Anna Christina; MAGALHÃES, Mônica C. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2008.

LOBO-SOUSA, Ana Cristina; ARAÚJO, Júlio César. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. **Linguagem em (Dis)curso**. Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 565-583, set./dez. 2009.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.